



## ORGANIZAÇÃO ESCOLAR NA/DA EDUCAÇÃO FÍSICA (EF) NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA): DO ISOLAMENTO DOCENTE AO ENTRAVE PEDAGÓGICO-CULTURAL

MARTINS-OLIVEIRA, Nara<sup>1</sup>  
FREITAS-FERRI, Marinaide<sup>2</sup>

**Grupo de Trabalho (GT 4): Educação de Pessoas Jovens, Adultas e Idosas.**

### RESUMO

Este trabalho é um recorte de pesquisa, que tem como objetivo socializar os achados sobre o conhecimento acerca das culturas docentes na Educação Física (EF) que implicam na organização escolar da EJA, tendo como problemática: qual(is) cultura(s) docente(s) na/da EF que implicam na organização escolar da EJA? Enquadra-se na abordagem qualitativa, do tipo estudo de casos múltiplos, realizada em duas escolas públicas. Contou com a participação de 2 professores de EF. Na coleta de dados usamos as técnicas da observação tendo como aliado o Diário de Campo e as entrevistas. A Análise de Conteúdo foi a técnica empregada que fundamentou a interpretação do material, que foi categorizado temática e aprioristicamente. O estudo apontou que a cultura do isolamento docente anuncia o entrave pedagógico-cultural existente na/da EF na EJA e que, quando superado implica diretamente na produção da cultura organizacional escolar colaborativa entre estes dois campos.

**Palavras-chave:** organização escolar; cultura; educação física; educação de jovens e adultos.

### INTRODUÇÃO

Este trabalho resulta das iniciativas investigativas desenvolvidas pelo Grupo de Pesquisa Multidisciplinar em Educação de Jovens e Adultos (Multieja) e apresenta um recorte de pesquisa concluída e financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico (CNPq,) enveredada nos campos da Educação Física (EF) e da Educação de Jovens e Adultos (EJA) em diálogo com as culturas organizacionais escolares.

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) enquanto modalidade de ensino é institucionalizada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) nº 9.394/96, e consolidou o direito constitucional a pessoas jovens, adultas e idosas a retornarem à escolarização (Brasil, 1996). A referida Lei também marcou a presença da EF escolar enquanto componente curricular na educação básica, e sete anos depois, amparou na Lei 10.793/2003. Esse componente curricular passou a ser obrigatório nos turnos

<sup>1</sup> Universidade Federal de Alagoas. E-mail: martins\_neg@hotmail.com.br

<sup>2</sup> Universidade Federal de Alagoas. E-mail: naide12@hotmail.com





noturnos, e consequentemente na EJA, uma vez que a oferta da modalidade ocorre majoritariamente à noite.

Compreendemos a EF de forma ampla, que historicamente constitui-se culturalmente em nossa sociedade inserindo a cultura corporal na escola. Assim, a EF é entendida como direito e como produção sociocultural (Carvalho, 2013), inclusive para os sujeitos da EJA. Assim, as diversas formas de culturas se entrelaçam no cenário educacional, e seus diversos atores/as (re)criam ações que podem influenciar na organização escolar e, consequentemente, no *ensinoaprendizado*<sup>3</sup> o que justifica a relevância do tema abordado neste trabalho.

## OBJETIVO

Este estudo resulta de uma pesquisa do Grupo Multieja, e tem como objetivo socializar os achados sobre o conhecimento acerca das culturas docentes na EF que implicam na organização escolar na Educação de Jovens e Adultos.

## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Na segunda metade do século XX, evidenciou-se de forma predominantemente no contexto mundial, um enfoque da cultura organizacional, nos moldes das organizações empresariais nas instituições escolares. Nesse âmbito, Morgan (1992) sinaliza que a cultura é entendida como realidade heterogênea, um processo gerador da realidade que possibilita aos indivíduos da organização observarem e compreender os acontecimentos, ações, declarações, situações ou objetos particulares, de modo muito peculiar.

A escola como outras instituições sociais, absorve essas questões e vem desenvolvendo e reproduzindo uma cultura específica (Morgado, 2003), como é o caso da EJA. Nesse sentido as culturas da EJA constituem-se enquanto recursos para desvendar a complexidade de sua organização e funcionamento (Teixeira, 2000).

Com relação à cultura da EF, Souza Jr. et. al. (2011,) ao tratarem sobre a

<sup>3</sup> Utilizamos determinados termos escritos juntos, no sentido de romper com a dicotomia entre eles, é que o neologismo criado com a junção de termos anuncia os limites das dicotomias, e são também “[...] assumidos como uma necessidade epistemológica e política [...]” (Oliveira, 2012, p. 8).





genealogia do conceito de cultura corporal, cultura de movimento ou cultura do movimento enquanto termos sinônimos são entendidas dentro da EF como um conjunto de práticas ou expressões corporais, tais como: jogos, danças, esportes, lutas e ginásticas, historicamente construídas, socialmente moldadas por condutas humanas e culturalmente significativas que a partir do ano de 1980 embasou uma nova construção do objeto de estudo da EF. Isso permitiu que a cultura corporal<sup>4</sup> fosse tratada pedagogicamente na escola (Soares et. al., 2009).

É no quadro dessas ideias que a EF pode reorganizar a cultura organizacional da EJA, sendo definida por meio de um conjunto de valores que irão ser compartilhadas por todos os sujeitos de uma organização:

[...] como uma técnica de gestão, que serve uma nova imagem de organização como comunidade social, tentando minimizar a oposição indivíduo-organização, pela emergência de um novo paradigma onde a organização é um local potencialmente gerador de conflitos, superáveis pela negociação abrangente e permanente (Sampaio, 2004, p. 69-70).

Essa concepção implica a visão das organizações como realidades construídas, inclusive na EJA, que fornecem sentidos para a comunidade social por meio do qual os seres humanos se estabelecem. Nessa esteira, Torres (2001), trata o conceito de cultura organizacional como um conceito fundamental para a compreensão das especificidades culturais e um fator decisivo no funcionamento organizacional.

## PROCEDIMENTOS ÉTICOS E METODOLÓGICOS

Neste trabalho<sup>5</sup>, tomamos como problemática: qual(is) cultura(s) docente(s) da EF implicam na organização escolar na Educação de Jovens e Adultos? A pesquisa inseriu-se na abordagem qualitativa (Minayo, 2010) com ênfase no estudo de casos múltiplos (Stake, 1999) e teve como contexto duas escolas públicas do município de Maceió – Alagoas.

<sup>4</sup> Escobar; Taffarel (1987) ao tratarem sobre a cultura corporal brasileira, e citando Rubem Alves, afirmam que “não existe cultura sem corpo”, compreendendo que o corpo é o próprio indivíduo, e como tal, é o elemento que constitui o centro da cultura de todo povo, sendo por meio dele que o sujeito exprime sua essência, costumes e sua identidade cultural.

<sup>5</sup> O procedimento preliminar para esta investigação foi a submissão do projeto de pesquisa na Plataforma Brasil. O projeto está aprovado sob número do CAAE: 87607325.5.0000.5013 e número do Parecer: 7.618.283.



Contou com a participação de um professor e uma professora de Educação Física atuantes nos anos iniciais da EJA. Fizemos uso das técnicas da observação participante (Minayo, 2010) que foram registradas em Diário de Campo (DC), da entrevista semiestruturada (Minayo, 2001).

Por ser um recorte de pesquisa tratamos especificamente sobre as culturas docentes no *espaçotempo* deste trabalho. Optamos por fazer uso apenas dos dados referentes à observação e à entrevista situados no contexto da unidade escolar “A” os quais deram aportes empíricos para esta escrita e que se relacionam apenas a professora de EF desta unidade. Optamos pela Análise de Conteúdo, Bardin (2011) cuja categorização dos dados foi realizada aprioristicamente emergindo três categorias temáticas, sendo elas: i) cultura interdisciplinar; ii) cultura da educação em saúde e, iii) isolamento docente: um entrave pedagógico-cultural, sendo que neste texto abordamos apenas essa última categoria.

## ISOLAMENTO DOCENTE: UM ENTRAVE PEDAGÓGICO-CULTURAL

Esta categoria se evidencia nos cotidianos escolares, quando identificamos os primeiros traços da cultura docente, é que:

Nesta instituição [Escola A], as aulas de Educação Física são ministradas apenas às quartas-feiras, devido ao fato de a escola possuir apenas três turmas de EJA. Essa configuração justifica a lotação de uma única professora de Educação Física, que consegue atender às necessidades educacionais dessa comunidade escolar, ministrando aulas teóricas e práticas em um único dia da semana (Diário de Campo – Observação 1, Escola “A”, 26/03/2025).

Esse cenário na escola “A” demonstra a ausência de aproximação, colaboração e planejamento com pares diretos da EF atuantes na EJA, e que também se configurou na escola “B”. Esta situação anuncia o entrave pedagógico-cultural característico na/da EF na EJA, conforme evidenciado na narrativa a seguir:

No noturno [EJA] eu estava sendo o único. Com relação a isso né, vamos dizer assim, no turno da noite realmente eu não tenho ninguém pedagogicamente pra conversar sobre o assunto, sobre as aulas, o que tem de melhor pra fazer, essas coisas. E a coordenação também não me auxilia por conta da parte técnica que eles mesmos não sabem né, eles podem dizer: olha professor eu quero um trabalho sobre São João por exemplo e aí, eu como professor tenho que, como a gente diz né, se virar pra poder fazer (Entrevista – Professor de EF – Escola “B”).



Em ambas as escolas identificamos contextos similares – professor e professora de EF, no desenvolvimento dos seus trabalhos atuando solitariamente, uma vez que “o isolamento dificulta as aproximações entre os professores, que se acostumaram a viver na solidão em suas ilhas de conhecimentos (Bastos, 2014, p.37), que evidencia a existência da cultura do isolamento docente (Hargreaves, 1998) na EJA. Essa cultura, é por nós percebida como uma situação-limite “[...] como um freio [...] como algo [...], que pode ser ultrapassado e não se caracterizar como falta de esperança” (Freire, P., 1987, p. 51), evidenciando a sua superação, tendo em vista que as partilhas pedagógicas podem (re)configurar a cultura organizacional de uma escola. Considerando essa realidade vejamos a narrativa a seguir:

Em relação a isso [não ter outro/a professor/a de EF na EJA] eu não sinto nenhum problema, porque eu converso com as professoras [pedagogas] né, da sala e converso com a coordenadora num HTPI [Horário de Trabalho Pedagógico Individual] e no HTPC [Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo]. A gente sempre está trocando ideias entendeu? A gente tem um grupo de atividades e aí eu vejo o que elas estão fazendo e aí eu faço meu planejamento de acordo com o que elas estão dando né? Os assuntos né? [...] eu tenho auxílio da coordenadora, a gente está sempre conversando [...] vai combinando com a coordenação e as professoras de sala. Graças a Deus a gente tem um diálogo muito bom, aí eu não sinto essa necessidade de trocar ideias com outro professor de Educação Física (Entrevista – Professora de EF – Escola “A”).

A narrativa da professora revela que é fundamental aproximar os/as professores/as e coordenação de práticas de partilhas com seus pares diretos ou não, conforme ocorreu com as pedagogas e isso permitiu a reversão do seu isolamento ressignificando sua integração na escola. Esta percepção transporta-nos para a eventual existência de uma cultura de “colaboração”, como as relações produtivas e de apoio entre os professores, cujas relações de trabalho são espontâneas, voluntárias e orientadas para o desenvolvimento (Hargreaves, 1998), conforme percebemos no contexto empírico em que decorreu esta investigação.

Nesse horizonte, socializar experiências, angústias e incertezas permite superar o isolamento característico do/a professor/a de EF na EJA que favorece o engajamento escolar fomentando a elaboração de culturas organizacionais escolares que potencializem o envolvimento dos/as professores/as na colaboração e socialização.





## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho objetivou socializar os achados sobre o conhecimento acerca das culturas docentes na EF que implicam na organização escolar na EJA e responder a problematização: qual(is) cultura(s) docente(s) na/da EF que implicam na organização escolar da EJA? Nessa direção evidenciou-se indícios a partir dos dados analisados e das observações por nós realizadas, que, a princípio a cultura docente que emergiu neste cotidiano escolar foi a do isolamento. No entanto, a professora de EF ressignificou a sua prática revertendo a lógica do isolamento docente a seu favor, impactando na interconexão com a área de ensino – pedagogia, e suas professoras.

Concluímos que a cultura do isolamento docente observadas nas escolas anunciam o entrave pedagógico-cultural evidenciando a necessidade da superação dessa situação-limite, uma vez que a possibilidade de colaboração com pares diretos da EF inexistente. No entanto, percebemos que a professora participante deste estudo reverteu a lógica do isolamento, quando buscou integrar-se pedagogicamente com as pedagogas e coordenadora da instituição. Isso implicou na produção de uma cultura organizacional escolar potencializadora de colaboração entre a EF e a EJA e que favoreceu a participação de todas as professoras na (re)construção democrática dos planejamentos e conhecimentos e, consequentemente, no *ensinoaprendizagem* dos jovens, adultos e idosos.

## REFERÊNCIAS

BASTOS, Fábio Fernandes. **Formação colaborativa em Educação Física: do isolamento docente à colaboração entre pares.** Dissertação – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** 4. ed. Lisboa: Edições70, 2011.

BRASIL. **Lei nº 9.394/ 96: Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, de 20 de dezembro de 1996. São Paulo: Editora Brasil, 1996. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/fisica.pdf>>. Acesso em: 08 fev. 2025.

BRASIL. **Lei nº 10.793, de 01 de dezembro de 2003.** Altera a redação do art. 26, § 3o, e do art. 92 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que "estabelece as diretrizes e bases da educação nacional", e dá outras providências. Diário Oficial [da] República





Federativa do Brasil, 02 dez. 2003. Disponível em:  
 <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/leis\\_2001/l10328.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/l10328.htm)>. Acesso em: 15 fev. 2025.

CARVALHO, Rosa Malena. Educação Física na Educação de Jovens e Adultos. **Revista Lugares da Educação**, v.3, n.5, p.37-49, jan.-jun. 2013.

ESCOBAR. MICHELI O.; TAFFAREL, Celi N. Z. **Metodologia Esportiva e Psicomotricidade**. Recife: Gráfica Recife, 1987.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. Notas: Ana Maria Araújo Freire. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 23. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HARGREAVES, Andy. **Os professores em tempos de mudança**: o trabalho e a cultura dos professores na idade pós-moderna. Amadora: Mc-Graw-Hill de Portugal, Lda. 1998.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. (Org.). **O Desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 12 ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

MORGADO, José Carlos. (2003). **Processos e práticas da (re)construção da autonomia curricular**. Tese de Doutoramento, Instituto de Educação e Psicologia da Universidade do Minho, Braga, 2003.

MORGAN, Gareth. **Images of organization**. London: Sage, 1992.

SAMPAIO, Cláudio Hoffmann. **Planejamento estratégico**. 4. ed. Porto Alegre: Sebrae/RS, 2004.

SOARES, Carmem L. et. al. **Metodologia do Ensino de Educação Física**, São Paulo, Cortez, 2009.

SOUZA JÚNIOR, Marcílio et. al. **Coletivo de Autores**: a cultura corporal em questão. Rev. Bras. Ciênc. Esporte, Florianópolis, V. 33, n. 2, p. 391-411, abr./jun. 2011.

STAKE, Robert E. **Investigación con estudio de casos**. Madrid: Ediciones Morata, 1999.

TEIXEIRA, Lucia Helena Gonçalves. Cultura organizacional da escola: uma perspectiva de análise e conhecimento da unidade escolar. **Rev. Bras. de Política e Administração da Educação**, periódico científico editado pela Anpae, v. 16, n. 1, 2000.

TORRES, Leonor Maria de Lima. A cultura organizacional na (re)conceptualização da formação em contextos organizacionais. **Cadernos de Ciências Sociais**, Porto, n. 21/22, p. 119-150, 2001.